

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

REBECCA GOMES MACHADO

**“A NOSSA BANDA TÁ MELHOR QUE A
DOS BEATLES”**

A produção musical na turma de berçário

PORTO ALEGRE

2014

REBECCA GOMES MACHADO

“A NOSSA BANDA TÁ MELHOR QUE A DOS BEATLES”

A produção musical na turma de berçário

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Carmen Silveira Barbosa

PORTO ALEGRE

2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais...

Jorge e Rejane, por me acompanharem a cada passo na minha trajetória acadêmica, pelo amor, pela educação e pelo esforço diário na minha formação. Esta conquista é de vocês que sonharam este sonho comigo.

Ao Rafael...

Pelo companheirismo e refúgio de todas as horas.

Aos bebês...

Que me receberam de braços abertos e me ensinaram o prazer da docência através dos seus sorrisos e carinhos.

Às professoras...

Ana, Juçara e Valesca pelos ensinamentos, por me acolherem na turma, por me ensinarem a ser professora e por me proporcionarem momentos tão especiais e felizes. É graças a vocês, por meio das nossas “batucadas” e cantorias, que a nossa banda ganhou vida. Professoras, vocês estarão sempre nos meus pensamentos e no meu coração.

À professora Lica...

Que me orientou, me aconselhou e me fez compreender melhor os bebês e suas potencialidades.

À professora Leda...

Agradeço pela sua doçura e boa vontade por me socorrer nos momentos mais difíceis na escrita do meu TCC e por sempre me estender a mão quando eu precisei. Obrigada, professora.

Aos amigos...

À Thais, também conhecida como minha irmã gêmea, agradeço à Deus por ter me dado essa grande amizade, que levarei para o resto da minha vida. Ela que muitas vezes me fez chorar de tanto rir, que me deu conselhos, que falou muitas bobagens, que me mostrou o quanto a vida pode ser mais bela quando estamos perto de quem amamos. **À Cayenne** sendo a mais “velha” (velha só na idade) do grupo me deu muitos conselhos e também muitos puxões de orelha. Agradeço tanto ela quanto a Thais pelas nossas idas ao RU, nossas risadas, principalmente, quando

eu colocava uva estragada na bandeja da Thais e ficávamos rindo escondidas para ela não ver. Agradeço pelas saídas à noite, pelas festas e todas as loucuras que fizemos e que faz valer a pena lembrar (outras vezes não). Muito obrigada por tudo. **À Stefani** mesmo com toda sua delicadeza de ogra (te amo, viu) sempre esteve ao meu lado dando força, conselhos e quando precisava dando apoio nos trabalhos da faculdade (Cayenne, você também). **À Kamila** que quando estamos juntas tudo vira uma palhaçada, principalmente, quando ela começa a falar besteiras e faz caretas que chega a dor na minha barriga de tanto rir. Obrigada por estar sempre bem humorada e transformar as minhas manhãs muito mais divertidas. **À Laura** com sua voz doce e seu jeito delicado tornou-se uma grande amiga dentro e fora da faculdade. Ela foi sempre a mais calma do grupo e isso fazia com que não fôssemos loucas o tempo todo. Obrigada, Laura por fazer parte da minha vida. **À Paula** que morro de saudades das nossas conversas, das nossas risadas logo cedo no bar do Antônio, dos conselhos, das fofocas... Mesmo estando longe tu estarás sempre no meu coração e nos meus pensamentos. Amo-te muito... não se esqueça disso. As seis, amo todas vocês e sentirei saudades das nossas manhãs nada normais na FACED. Obrigada por tudo!

Por fim...

Agradeço a Deus, por me dar a oportunidade de viver tudo isso tão intensamente ao lado de pessoas tão especiais.

Por tudo isso, e mais um pouco, agradeço...

RESUMO

O presente estudo buscou analisar a importância da música e da interação dos bebês com instrumentos musicais em uma turma de berçário, a fim de verificar como ocorre a interação de bebês com a música e sua produção sonora, relacionando estas questões com o desenvolvimento do bebê, sua personalidade e sua sociabilidade. Teve-se como objetivos: observar e analisar os processos de produção musical dos bebês e observar e analisar como os bebês se comportam diante dos materiais sonoros. Para alcançar os objetivos propostos foi, primeiramente realizada uma breve revisão bibliográfica a fim de contextualizar o tema aqui abordado; após, foi realizada uma pesquisa-intervenção, na qual a pesquisadora se inseriu junto aos bebês na sala, observando de forma passiva e, por vezes, interagindo de forma ativa. Compuseram, ainda, como documentos da pesquisa, um caderno de reflexões e fotografias e filmagens. A pesquisa foi realizada na creche do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, com 11 bebês na idade de 11 a 14 meses. Os encontros musicais com os bebês permitiram encontrar diversos achados, tais como: a preferência por objetos de percussão, a interação entre os bebês durante as brincadeiras e a maior afinidade de alguns bebês com determinados instrumentos musical. Concluiu-se que a produção sonora é de grande importância para o desenvolvimento do bebê, inclusive, ele procura reproduzir barulhos em objetos que não têm finalidade sonora (como caixas e balde de plástico). O tema deveria ser mais pesquisado e aprofundado, proporcionando maior subsídio teórico para a prática nos berçários.

Palavras-chave: Bebês. Música. Interações. Instrumentos musicais.



*Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei, ai
Meu Deus do céu, ai
Por que tamanha
Judiação*

*Que braseiro,
Que fornalha,
Nenhum pé de plantação
Por falta d'água
Perdi meu gado
Morreu de sede
Meu alazão*

*Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse:
Adeus, Rozinha
Guarda contigo
Meu coração*

*E hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva
Cair de novo
Pra eu voltar
Pro meu sertão*

*Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro
Não chores não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração. (Luiz Gonzaga)*

SUMÁRIO

1 A FORMAÇÃO DA “BANDA”	7
2 BRINCAR É COISA SÉRIA? E PÕEM SÉRIA NISSO!	11
2.2 O BEBÊ PRODUZ MÚSICA?!	13
2.3 A MÚSICA CONTRIBUINDO PARA A SOCIABILIDADE DO BEBÊ	15
2.4 OS BEBÊS E SUAS INFINITUDES	16
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	19
3.1 ENTÃO, COMO ESTÃO OS BEBÊS HOJE?	20
3.2 OS ENCONTROS MUSICAIS	23
4 BEBÊS “PIONEIROS” NA ARTE DE EXPLORAÇÕES SONORO - MUSICAIS	28
4.1 COMO OS BEBÊS SE RELACIONAM COM OS INSTRUMENTOS MUSICAIS?	28
4.2 O QUE ELES FAZEM SOZINHOS?	32
4.3 O QUE ELES FAZEM EM GRUPOS?	34
4.3.1 A CAIXA-TAMBOR.....	34
4.3.2 O BALDE SONORO.....	35
5 A BANDA TÁ FORMADA	38
6 REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM	43
APÊNDICE B — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DO NOME	44

1 FORMAÇÃO DA “BANDA”

Muito falamos sobre a importância do ato de brincar, mas poucos realmente sabem real relevância. Se perguntarmos para as pessoas o que elas acham sobre o brincar na Educação Infantil, a grande maioria dirá que é importante, porém, poucas saberão o quão pode ser significativa na vida das crianças, principalmente para os bebês, que estão em processo de construção da sua identidade e, também, por estarem descobrindo a si, ao outro e ao mundo ao seu redor, e a brincadeira torna-se um grande instrumento para as crianças irem se constituindo e construindo novas aprendizagens.

Refletindo acerca de caminhos já percorridos na educação, penso ser importante investir em pesquisa, por esse motivo, elegi como problema do meu trabalho: **Como os bebês descobrem a musicalidade interagindo com diferentes instrumentos musicais?** A partir das minhas experiências como docente numa turma de berçário, é que foram surgindo questionamentos em relação à música na Educação Infantil e como ela é trabalhada nas creches, em especial com crianças de berçário. Os meus dois estágios, tanto o obrigatório como o não obrigatório, foram realizados na creche do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), sendo que os dois foram na mesma turma do berçário. Por esse motivo, tive mais tempo para observar as crianças e construir vínculos afetivos. Durante esse período, que durou aproximadamente nove meses, procurei planejar aulas bastante diversificadas, dando a oportunidade para os bebês brincarem e explorarem objetos conhecidos por eles e outros pouco familiares. A música fez-se muito presente durante todo esse percurso e, a partir dela, surgiu-me a ideia de desenvolver um projeto com a turma, e esse projeto perdurou até o final do meu estágio.

O primeiro projeto que desenvolvi na turma foi: ‘Conhecendo as Habilidades das Crianças’¹, sempre buscando oferecer novas descobertas, novas experiências e novas relações, ampliando suas vivências afetivas, sociais, artísticas, linguísticas, musicais, sensoriais e expressivas.

Durante a minha docência, percebi muito o entusiasmo e a curiosidade dos bebês com relação aos sons que certos objetos produziam em sala de aula, como por exemplo, com o passar dos meses, as crianças aprenderam a sacudir certos

¹ Trecho retirado do meu relatório final do estágio.

materiais para ouvir o som que o mesmo produzia, ou então, pegavam o objeto e esfregavam-no no chão até obter o som. Foi então, a partir dessas experiências, que algumas perguntas foram desencadeadoras para começar a pensar a respeito da música no berçário. Tais perguntas levantadas foram: *Qual a importância da música para os bebês? Por que os bebês produzem “música”? Como os bebês brincam com os sons?*

A partir destas questões, que foram disparadoras para essa investigação, inicio este estudo detalhando alguns conceitos como: bebês, música, brincar e conhecimento físico. Utilizo a autora Tânia Fortuna que me deu subsídios para pensar a importância do brincar com bebês: “É por isso que brincar assume o estatuto de linguagem, pois é forma de expressão, não só no sentido de ‘falar’, mas como código de significância dos gestos e comportamentos” (FORTUNA, 2012, p. 52).

Quanto à gênese do conhecimento musical do bebê/da criança, trago com minha referência a autora Esther Beyer, na qual contribuiu enormemente com a educação musical e que me fez refletir a respeito da importância da interação do bebê com a música desde os primeiros anos de vida. A partir do seu projeto de extensão “Música para bebês”, mostra como a relação do bebê com os seus pais pode influenciar sua interação com a música, levantando também as reações dos bebês através dos diferentes tipos de movimentos físicos que realizam nas aulas de música.

A autora Maria Carmen Silveira Barbosa, minha orientadora durante a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), veio agregar a perspectiva do bebê na creche, me fazendo refletir que certamente estes bebês têm relação com a música. Kamii e Devries (1985) descreveram e fundamentaram as atividades de conhecimento físico, e durante as interações dos bebês com os instrumentos musicais, observei uma oportunidade de conhecimento físico enquanto os bebês produziam sonoridades e iam (re)criando novos sons no mesmo objeto ou em outros. As autoras referidas organizaram em forma de princípios de ensino as observações de Piaget. Organizei, então, as minhas propostas tendo em vista alguns princípios, que consistiam em propiciar às crianças agir sobre os objetos e ver como eles reagem, ou seja, agir sobre os objetos para produzir um efeito desejado e ter consciência de como se produz o efeito desejado. Assim, pude identificar e compreender o que se passava nos momentos da exploração sonora.

Nessa investigação, meu objetivo geral foi: **analisar a interação de bebês em uma sala de berçário com os instrumentos musicais.**

Os objetivos específicos foram:

- a) observar e analisar os processos de produção musical dos bebês;
- b) observar e analisar como os bebês se comportam diante dos instrumentos musicais;

Além da minha experiência como professora de berçário, outro motivo que fez eu me apaixonar pelo tema da minha pesquisa é que, desde muito pequena, a música se fez presente dentro da minha casa. Meu pai é apaixonado por música e principalmente em tocá-las, ou, como ele diz, *“tirá-las no violão”*. Em todas as festas que têm lá em casa, ele sempre pega seu violão, se ajeita na sua cadeira “especial” (como a chama) e começa a tocar para as visitas, que logo entram no clima e começam a cantar junto. Vinicius, meu irmão mais velho, é outro apaixonado por música e hoje também sabe tocar violão. Começou a tocar quando tinha 13 anos de idade e, de lá para cá, nunca mais abandonou o seu violão, isso já faz exatos 13 anos. Lembro-me como se fosse ontem, ele dedilhando as cordas do violão e aprendendo as primeiras notas musicais e o quanto ficava empolgado quando já conseguia tocar o trecho de alguma música. Foram noites e noites assim, confesso que, às vezes, me incomodava com o som, pois não aguentava mais escutar várias vezes a mesma música. Hoje, graças a ele e ao meu pai, eu sei tocar duas músicas, sendo que uma foi meu pai que me ensinou e a outra meu irmão. De lá para cá, tomei gosto pela arte musical e aqui estou, fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre MÚSICA, como eu amo amar música.

No capítulo três comento como foi realizado este estudo, a perspectiva metodológica de investigação, os instrumentos musicais utilizados, como os bebês estão hoje e os encontros musicais. No capítulo quatro, são as minhas dimensões analíticas elaboradas a partir das observações, fotos e filmagens dos bebês em interação com os instrumentos musicais. Essa sessão é subdividida em: 4.1 Como os bebês se relacionam com os instrumentos musicais?; 4.2 O que os bebês fazem sozinhos?; e 4.3 O que os bebês fazem em grupo?.

O quinto capítulo que tem como título: A banda tá formada, pontuo algumas reflexões e discussões que puderam ser realizadas ao longo deste processo investigativo, bem como outras questões que podem ser pensadas acerca desta temática. Por fim, trago as referências bibliográficas que embasaram meus estudos

para desenvolver o presente trabalho e os dois Termos de Consentimento que se encontram nos apêndices.

O referido título do meu trabalho surgiu a partir da escrita da professora Valesca, uma das professoras da turma do berçário, que no meu último dia de estágio escreveu num cartão que adorou fazer parte da nossa “banda” e que sentirá saudades das nossas improvisações. ‘Que a dos Beatles’ foi a fala da minha mãe, que vendo algumas fotos e filmagens dos bebês interagindo com os instrumentos musicais fez um comentário: ‘mas a banda de vocês tá melhor que a dos Beatles’. Achei interessante sua fala assim como a escrita da professora Valesca, que mesmo sem combinarem falaram que tínhamos uma banda. A partir disto, resolvi nomear o meu título como: ‘A nossa banda tá melhor que a dos Beatles’, e confesso, a nossa banda está de nota dez.

Hoje, a nossa “banda” já está formada e os responsáveis por tudo isso são os bebês, pois, graças a eles, aprendi muito sobre música e, por meio do bater, do tocar, do arrastar, do rolar, do dançar, qualquer pessoa pode produzir música independente da sua idade. Felizmente, a nossa “banda” não terminou, porém, agora novos músicos estarão entrando e os bebês que me acompanharam vão para outra turma aprender com a outra professora novos repertórios.

A turma do berçário adotou o nome do projeto: “A nossa banda tá melhor que a dos Beatles” e como não ficar emocionada com esse presente que as professoras da turma do berçário me deram? Para não colocar um ponto final na minha pesquisa, elas me contemplaram desenvolvendo este trabalho com os novos músicos que entrarão na turma. Mesmo não sendo mais professora da turma, fui convidada a visitar os bebês e participar das aulas de música e, segundo as palavras das professoras da turma: assim podemos relembrar nossos momentos musicais e matar um pouco da saudade da nossa “banda”.

2 BRINCAR É COISA SÉRIA? E PÕE SÉRIA NISSO!

Nos dias de hoje, muitos estudiosos já comprovaram a importância do brincar no desenvolvimento das crianças e o quanto ele pode refletir no futuro delas. É frequente autores referirem que a partir do brincar as crianças começarão a desenvolver interações, suas linguagens, a partilhar os brinquedos, conhecer novos objetos e reinventá-los, enfim, são muitos os benefícios que o brincar pode trazer para a vida da criança. Conforme Winnicott (1977, p. 80), “é somente no brincar que o indivíduo, a criança ou o adulto podem ser criativos e utilizar sua capacidade integral, e, somente sendo criativos, podem descobrir seu eu”. Portanto, a brincadeira é universal, fazendo-se presente desde bebê até a vida adulta.

A minha experiência docente e de pesquisadora na turma do berçário foi importante para compreender melhor os bebês, suas formas de brincar, a singularidade de cada um, como costumam brincar, quais linguagens utilizam no momento da brincadeira, entre outras nuances. Percebi, ainda, que o brincar não é só importante, mas que ele pode ser (re)inventado a qualquer momento. Às vezes, um pote de plástico pode virar a atração da turma pelo seu barulho quando arrastado pelo chão da sala, não sendo necessários brinquedos mirabolantes para que a criança se interesse, desde que seja significativo para ela e lhe proporcione novas descobertas e aprendizagens. A professora e doutora Tânia Fortuna (2013) ressalta que o brincar não é uma forma de ocupar o tempo, mas sim uma linguagem que fornece subsídios para a expressão, sendo também um meio de desenvolver habilidades corporais ou cognitivas e de aprender a conhecer, além de propiciar a experimentação de sentimentos, tais como prazer, alegria, medo, frustração, entre outros que afloram no ato lúdico.

Durante a minha pesquisa pude averiguar as preferências musicais dos bebês, quais instrumentos musicais costumavam brincar com mais frequência, como eles brincavam com os instrumentos, quais eram os instrumentos que mais chamavam a atenção deles convidando-os para o brincar-musical. Cada criança brincou dentro do seu ritmo e tempo e sempre procurei respeitar cada uma delas, por isso, os instrumentos foram levados mais de uma vez durante a semana, pois, se a criança não se interessa pelo brinquedo naquele dia, ela terá outras oportunidades de brincar com ele quando se sentir mais à vontade. De acordo com Fortuna (2011, p. 9):

As crianças não brincam do mesmo modo. Algumas demoram mais tempo para entrar na brincadeira, enquanto outras custam a sair dela. Às vezes, preferem jogos calmos; outras vezes apreciam brincadeiras turbulentas, com gestos amplos e ruídos exagerados.

Na Educação Infantil, muito tem se pensado a respeito da ludicidade, das brincadeiras que orientam as aprendizagens das crianças, permitindo que se socializem de maneira prazerosa tanto com os colegas, com as educadoras quanto com o objeto do conhecimento. Durante o brincar com os materiais sonoros, os bebês foram construindo, com o passar da semana, aptidões antes não vistas, como saber que a baqueta de madeira serve para bater no tambor, a baqueta de ferro podia ser usada também para explorar outras sonoridades, como as pernas da cadeira e dos berços, que outros objetos também podem ser sonoros, que os instrumentos musicais podem ser reinventados, como foi o caso do violão. Como diz a professora Tânia Fortuna (2011, p. 9) “[...] um brinquedo só é brinquedo pela ação do brincar, isto é, porque alguém brinca com ele”.

No início, era tudo muito novo para os bebês que, aos poucos, foram se familiarizando com os instrumentos e explorando-os cada vez mais. Talvez um dos maiores atributos do brincar sejam as oportunidades que ele possibilita de aprendermos a viver com o *não saber*, pois todos reconhecemos prontamente que aprendemos mais efetivamente por meio de tentativas e erro (MOYLES, 2006, p.16) e (HOLT, 1991) e que o brincar é uma maneira não-ameaçadora de manejarmos novas aprendizagens, mantendo, ao mesmo tempo, nossa autoestima e autoimagem.

O brincar proporciona a descoberta do desconhecido, do inesperado, do novo, que aos poucos deixa de ser novo e passa a ser algo do cotidiano, pois é isto, a brincadeira tem que ser vista e trabalhada como algo que não seja sempre novo no sentido de que é algo pouco visto em sala de aula, mas que seja novo no sentido de trazer novas aprendizagens, de estar sempre se renovando e se reinventando, pois esse é o sentido do brincar.

Um ambiente acolhedor e instigante também faz parte do brincar, e ele é muito importante no desenvolvimento do bebê, pois é nesse espaço que a criança começa a construir vínculos, passa a desenvolver suas capacidades motoras, cognitivas, as diferentes linguagens, entre outros aspectos.

Uma sala de aula de educação infantil não é uma caixa que já vem pronta, repleta de objetos caros. Para ser um lugar de brincar e, por isso mesmo, um lugar para crescer, aprender, ensinar e no qual se possa viver com alegria e sentido, deve ser um lugar em que as pessoas possam ser elas mesmas. Vai sendo construída aos poucos, por aqueles que partilham esse lugar e que vão colocando nele suas marcas. (FORTUNA, 2011, p. 10).

Por isso, a sala de aula deve ser um espaço convidativo a brincar e rico em possibilidades. É importante se pensar em uma sala de aula com cantos temáticos, refúgios para as crianças, brinquedos ao alcance delas, pois é com esse tipo de pensamento que o professor dá a possibilidade para a criança escolher o que e com quem quer brincar, além de estimular a autonomia e a capacidade de fazer suas próprias escolhas.

2.2 O BEBÊ PRODUZ MÚSICA!

O bebê ou a criança pequena produz música. Isso mesmo. A autora Aruna Correa (2013), na sua tese, defende a ideia de que os bebês desde muito cedo já produzem música e traz, ainda, outra expressão muito usada no decorrer do seu trabalho: EXPLORAÇÕES SONORAS. Durante seu tempo de investigação na turma de berçário, ela passa a compreender os processos de exploração sonoro-musicais desses sujeitos tão pequenos. Quando me pus a observar os bebês durante suas interações com os instrumentos musicais, percebi que eles utilizaram diferentes métodos para produzirem sons/música, para isso, usam da experimentação e da reinvenção. Por exemplo, a baqueta de ferro também foi usada para bater nas pernas das cadeiras e a caixa de papelão acabou virando o tambor da turma.

A música está presente no dia a dia das pessoas desde muito cedo, antes mesmo de nascerem. As mães, quando estão grávidas, costumam falar e cantar para o seu bebê para acalmá-lo ou apenas para conversar com ele. “Várias pesquisas confirmaram, portanto, que o bebê já está em interação com seu meio externo desde suas vivências uterinas, o que lhe permite trazer uma bagagem significativa de conhecimentos quando ele nasce” (TOMATIS, 1990, p. 96). Partindo desse pressuposto, o bebê precisa ser sensibilizado para o mundo dos sons e, quanto maior sua sensibilidade, mais chance e possibilidades terá para desenvolver criatividade, raciocínio, interatividade, despertando consciência rítmica.

O bebê tem facilidade de criar e imitar o que se escuta e o que se ouve, dessa forma, acaba explorando tanto a fala (balbucios) quanto possibilidades sensoriais a partir de objetos sonoros. Como disse anteriormente, a vivência musical já está presente desde muito cedo no bebê, que, aos poucos, passa a explorar cada vez mais suas habilidades, e essas ações podem ser vistas por meio das reações corporais, movendo-se para frente e para trás ou de um lado ao outro. Depois, passa a utilizar a linguagem capaz de se igualar a certos sons e, com o tempo, passa, por exemplo, a bater num pandeiro pelo simples fato de sentir prazer pelo som que ele produz e o que esse som pode provocar nas suas movimentações gestuais capaz de mover-se ritmicamente conforme o som que o material sonoro produz. A autora Leda Maffioletti (2005, p. 18) afirma que a música “induz ao movimento; é para acompanhar a música que os gestos começam a surgir [...]. Portanto, a música é o pretexto para o corpo entrar em ação. A partir daí, pode nascer o interesse pelo corpo”.

O violão foi o instrumento no qual os bebês mais se encantaram e puderam explorá-lo de várias formas, mostrando que ele pode ter outras funções além das que já conhecemos. Alguns deles subiram no violão, sentaram, ficando num movimento de levantar e sentar ou usaram o violão como apoio para poder ficar de pé. Outros colocaram brinquedos dentro do buraco que fica no centro do instrumento; juntos, viraram o violão e usaram o corpo do objeto para produzir som. O bebê, mesmo sendo ouvinte constante, ele também é produtor de som e suas ações podem ser transformadas quando recebem estímulo sonoro ou musical.

Dentre muitos estudos sobre a importância da música na vida do bebê, a autora Esther Beyer realizou observações com bebês do Programa de Extensão “Música para Bebês”, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), visando detectar os efeitos de diferentes interações dos bebês com a música. O seu trabalho contribuiu para eu pensar a minha prática e compreender como os bebês interagem com a música, assim com os que os rodeiam. A autora salienta a importância de se oferecer materiais interessantes, pois assim, a criança toma a iniciativa de explorar esse material (BEYER, 2008). A partir desse estudo, passei a ter melhor compreensão das ações dos bebês diante dos instrumentos musicais, além de me proporcionar um olhar mais atento as suas ações e as novas descobertas sonoras.

2.3 A MÚSICA CONTRIBUINDO PARA A SOCIABILIDADE DOS BEBÊS

Durante o meu estágio percebi que as crianças apresentavam maior envolvimento com os demais colegas quando a música se fazia presente. As professoras da turma mostraram-se sempre dispostas a trazer novas músicas para os bebês e a cantoria era a preferência delas (e a minha também). O período em que levei os instrumentos musicais para os bebês brincarem e explorarem foram os momentos de maior cantoria na nossa sala. As professoras, principalmente a Ana e a Valesca, mostram entusiasmo tanto quanto as crianças. Várias músicas fizeram parte do nosso repertório e, a partir daí, começou a formação da nossa “banda”.

A musicalização para os bebês representa o primeiro contato deles com ritmos e melodias, além de facilitar a interação social entre eles. O bebê tem a necessidade de estar em contato com outras pessoas e, muitas vezes, o adulto torna-se seu referencial, quando a mãe ou o pai não estão por perto, o educador passa a ser essa referência. As autoras Richter e Barbosa (2010, p. 89) explicam que os bebês “possuem as suas especificidades e formas de (re)criar o mundo, aprendem com todas as vivências cotidianas, com as interações com o outro e com o meio, e rapidamente crescem, em todos os seus aspectos”. A criança tem sede de estar em contato com os outros, pois é a partir dessas interações que o bebê sente-se protegido e tem o respaldo do adulto para lhe ajudar quando necessitar.

O bebê é permeado por sua curiosidade e expectativas, sendo que o contato com os instrumentos musicais ocasionou um aumento nessas características, assim como também nas relações sociais entre eles. O bebê tem necessidade de interação com o colega, de comunicação, de brincar. Uma situação que perpassa outras características como o processo de compartilhar, de escutar, de esperar, observar, estar com o outro. Essas características foram ganhando “forma” com o passar dos dias e com a familiarização das crianças com os instrumentos musicais.

A atenção, a observação e o acompanhamento das situações que envolvem os bebês durante suas explorações sonoras e o interagir com os instrumentos musicais eram acompanhadas pelas professoras da turma que, muito empolgadas, deixaram a sala de aula mais alegre e ritmada, por meio dos seus repertórios musicais. O triângulo, por exemplo, optamos por músicas nordestinas, pois se adequava ao som produzido pelo instrumento musical. Outro aspecto significativo é que o evento sonoro exerce verdadeira atração sensorial no bebê, bastando que

alguém cante ou que se toque algum instrumento sonoro para que o bebê dê um *stop* nas suas atividades naturais e seus olhares sejam fixados na direção do som.

Esse evento sonoro também proporcionou a interação entre as crianças, que observando a colega batendo palmas ou usando o triângulo para acompanhar as professoras, iniciaram o processo de imitação e, aos poucos, a turma estava contagiada pela diversidade de sons que iam produzindo em conjunto. Como menciona a autora Leda Maffioletti (2011, p. 85):

Um som não tem sentido em si mesmo, o sentido resulta da combinação entre eles, e esse sentido é uma invenção coletiva. certamente há um funcionamento individual que delinea o modo de aprender de cada criança, no entanto, somente avança porque seu funcionamento é aberto às trocas sociais.

2.4 OS BEBÊS E SUAS INFINITUDES

Foi a partir do século XIX que a Educação Infantil começou a ser acolhida e reconhecida pela sociedade. Ainda hoje, averiguamos descaso com essa faixa etária e algumas pessoas acreditam (nem todas) que esses espaços em que essas salas educacionais, especialmente as conhecidas creches (0 a 3 anos), são apenas lugares para brincar, dissociando o brincar como algo sério e de extrema importância para as crianças. As pessoas leigas tendem a pensar que as crianças vão para o berçário para serem cuidadas pelas “tias”, e coloco tias, pois durante a minha permanência na turma do berçário, várias vezes escutei, e não foram uma nem duas vezes, mas inúmeras vezes, os pais falando para o seu filho: “Dá tchau para a tia”; “vai com a tia querido”; “ele se comportou hoje, tia?”; “as tias do berçário estão te mandando tchau, manda *tchauzinho* também”. Sem contar que escutei um absurdo quando mencionei para uma pessoa o lugar que trabalhava e ela me disse: “Mas o que você faz no berçário, só troca fraldas?”. Ainda existe, infelizmente, a ideia de que professora de berçário é assistencialista, que está ali apenas para “atender” a criança na hora que ela precisar. Não estou dizendo que isso não deva acontecer no berçário, não é isso. A questão é que não é só isso. As professoras de berçário lidam diariamente com o cuidar e o educar e seria quase impossível trabalhar com crianças pequenas sem cuidar delas. O cuidado torna-se uma necessidade da criança até certa fase da vida, pois uma hora ou outra ela vai precisar trocar as fraldas, tomar banho, dormir, tomar mamadeira, trocar de roupa.

As crianças, nas suas diferenças e diversidades, são completas, pois têm um corpo capaz de sentir, pensar, emocionar-se, imaginar, transformar, inventar, criar, dialogar: um corpo produtor de histórias e cultura. “Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história” (BARBOSA, 2010, p. 2).

Protagonistas desta pesquisa, os bebês foram os meus companheiros durante todo o mês de outubro (mês que levei os instrumentos musicais e que iniciou-se realmente a pesquisa), bem, na verdade, eles já eram meus companheiros desde março quando comecei a trabalhar na creche, mas durante a investigação, meu olhar para eles mudou. Percebi que os bebês trouxeram muito das suas experiências sonoras de outros ambientes e de outros lugares. E isso pode ser observado durante suas explorações com os instrumentos musicais, como eles manusearam cada um, o que de novo fizeram com eles, criando outras possibilidades. Cada criança tem sua especificidade e sua forma de interpretar o mundo à sua volta, e assim foi com cada um deles; alguns se destacando mais, outros preferindo brincar sozinhos. “Ao considerar as crianças pequenas é preciso concebê-las como um todo, incluindo a sua multidimensionalidade” (BARBOSA, 2009, p. 24). Cada um com sua personalidade sempre se sobressaía.

A professora M^a Carmen Silveira Barbosa (2010) em um dos seus textos ‘As especificidades da ação pedagógica com os bebês’ traz grandes reflexões sobre os bebês e como eles foram descritos e definidos durante muitos anos. Eles eram considerados seres frágeis, incapazes e imaturos. Porém, nos últimos tempos, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. Temos cada vez um maior conhecimento acerca da complexidade da sua herança genética, dos seus reflexos, das suas competências sensoriais e, para além das suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar.

Os meus relatos das explorações sonoro-musicais observadas nos bebês da pesquisa tiveram a intenção de focar no bebê em processo de descobertas, de

novas aprendizagens, da relação dele com o instrumento musical e com outros materiais transformados em objetos sonoros. A partir das suas descobertas, os modos de ser, viver e existir destes bebês, como exploravam os sons e as sonoridades, as diversas possibilidades do seu cotidiano, tudo isso foi percebível durante a pesquisa.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para se alcançar a finalidade dessa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, foi escolhido como instrumento metodológico de pesquisa a pesquisa-intervenção. Optei por esse tipo de metodologia, pois a única certeza que tinha era de querer estar naquele ambiente junto com os bebês e entre eles investigar a musicalização.

Utilizo a autora Aruna Noal Correa², que assim como eu, optou por utilizar pesquisa-intervenção. Essa autora é de extrema importância em meu trabalho, pois me dará subsídios de refletir de (re)pensar os processos de exploração sonoro-musical cotidiana dos bebês, permitindo compreender estes processos de forma dinâmica e coesa.

Segundo as palavras de CORREA (2013) ela pretendia com esse tipo de pesquisa refletir em como aprender nesse cotidiano de berçário, o sentido dado à música pelos bebês. Isto foi proporcionado pela escolha da PESQUISA-INTERVENÇÃO, que propõe uma postura diferente de ingresso no contexto dos bebês e na maneira de fazer pesquisa com eles. E, justamente, porque eu queria conhecer e me inteirar do processo que envolve este aspecto sonoro-musical no cotidiano da creche para os bebês considere também esta a melhor alternativa.

A autora referida, assim como eu, foi a campo para descobrir o desconhecido, ou melhor, descobrir as capacidades dos bebês, o que eles têm para mostrar, pois o que faz valer a pena numa pesquisa-intervenção é ter esse gostinho de estar próximo dos bebês, aprender com eles, estar em constante interação, conhecer esse ser sensível, porém, carregado de ritmo, expressões, ações, vontades, desejos, linguagens e ir delineando a pesquisa passo a passo.

Os acontecimentos e outras características envolvidas nesse contexto foram registrados através de vídeos, de fotografias e no caderno de reflexões (CR). As filmagens, algumas vezes, foram feitas por mim, em meu próprio celular e outras vezes pelas próprias professoras do berçário. Tanto as filmagens quanto as fotos foram muito importantes, pois pude ter uma visão mais geral de todo o processo musical no qual os bebês brincavam e exploravam os materiais e, a partir desses registros, analisei de perto os movimentos e as interações entre os bebês, assim

² Aruna N. Correa defendendo em 2013 sua tese de doutorado, que teve como título do seu trabalho 'Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário'.

como seus movimentos corporais, suas sonoridades, a observação imitativa e as demais ações das crianças durante o brincar com os instrumentos musicais.

Lembro que para poder tirar fotos dos bebês e filmá-los foi necessário fazer um Termo de Consentimento de Uso de Imagem das Crianças (APÊNDICE A). Nesse termo, deixo claro que não serão usadas as imagens e os vídeos das crianças em nenhum veículo de comunicação, servindo apenas para a análise do trabalho. Ainda, para poder publicar o nome das crianças, foi preciso fazer outro Termo de Consentimento para Uso do Nome (APÊNDICE B).

Pensando a respeito dos materiais que iria levar para os bebês, selecionei seis instrumentos musicais: pau de chuva, violão, triângulo e pandeiro/tambor. Juntamente com a minha orientadora, professora Maria Carmen Silveira Barbosa, decidimos que cada brinquedo ficaria aproximadamente três dias em sala de aula e depois seria revezado por outro instrumento musical, sendo que na última semana antes de fechar o mês levaria todos os materiais explorados nas semanas anteriores pelos bebês para que brincassem com eles novamente durante os próximos três dias. O pandeiro e o tambor foram os únicos instrumentos musicais que foram levados juntos durante os três dias, pois não consegui um número significativo de tambores e nem pandeiros que contemplasse a todas as crianças, então, optei por levá-los durante os três dias, assim, ninguém ficaria de fora da brincadeira. Além disso, os dois instrumentos musicais se assemelham, não em sua sonoridade, mas na forma como os bebês poderiam usá-los, podendo bater com a mão ou até mesmo com a baqueta.

3.1 COMO ESTAVAM OS BEBÊS QUANDO INICIEI A PESQUISA?

Diferente de alguns meses atrás, hoje, todas as crianças engatinham, tornando o brincar mais complexo, já que conseguem se arrastar ou carregar os brinquedos para os outros espaços da sala. Anteriormente, no primeiro semestre do ano, o brincar era algo estático e acompanhado de poucos movimentos de deslocamento; agora ele abrange toda a sala e os bebês iniciaram suas primeiras interações, assim como também a construção da sua autonomia, visto que não necessitam mais da professora para que lhe alcance o brinquedo, pois eles mesmos já conseguem ir atrás e pegá-lo.

Um dos espaços em que eles mais gostam de brincar é junto aos carrinhos ou embaixo dos berços, pois são lugares mais apertados e, assim, eles conseguem se esconder. Além dos berços, as rodas dos carrinhos os deixam hipnotizados com o movimento que elas fazem quando eles aplicam força sobre elas e começam a girar.

Foram 11 bebês participantes na pesquisa. Considerei este número, visto que alguns bebês apresentavam atestados de saúde e se ausentavam por longos períodos da creche. Um bebê deixou de frequentar o berçário, e teve ainda, as férias dos pais que foi outro fator que fez com que algumas crianças se ausentassem por algum tempo. Cabe ressaltar que, durante as análises, nem todas as crianças foram citadas. Isso ocorreu porque selecionei algumas cenas para serem analisadas e, dentre elas, algumas crianças acabaram não sendo mencionadas. Todos os bebês foram de extrema importância para o desenvolvimento da minha pesquisa, porém, dentro dos limites do meu trabalho, infelizmente, não foi possível dar a graça de mencionar todas as crianças.

A pesquisa foi realizada no período de três semanas, sendo que teve festa do dia das crianças e Halloween e, durante esses dias, a pesquisa foi suspensa. As observações e intervenções foram realizadas no turno da tarde, com duração, em média, de uma hora.

Os componentes da banda são: o Francisco (1 ano e 38 dias), o Murílo (1 ano e 10 dias), o Rafael E. (1 ano e 18 dias) e a Heloísa (1 ano e 25 dias), formando o grupo dos mais velhos da turma.

O Francisco foi a primeira criança a começar engatinhar e também o primeiro aluno a ingressar na turma do berçário. Ele é uma criança muito carismática e observadora. Em silêncio, acompanha toda a movimentação da sala; explora com entusiasmo os materiais e os brinquedos disponíveis.

O Murílo é uma criança bastante sorridente. Gosta de brincar na maior parte do tempo sozinho. Nas últimas semanas, percebi que ele tem interagido mais com os colegas, compartilhando alguns brinquedos. Costuma explorar as sonoridades por meio de objetos e também de arrastá-los pelo chão da sala.

O Rafael E. ficou doente durante a pesquisa e, por isso, ficou alguns dias afastado. Assim que voltou, mostrou muito entusiasmo em explorar tudo aquilo que deixara de vivenciar nos dias que permaneceu em casa. O Rafael E. sempre se mostrou muito tímido, mas procurava fazer experiências quando se via sozinho. No final da pesquisa, ele estava mais solto e interagindo com todos.

A Heloísa, como começar a falar dela... Ela foi a segunda criança que ingressou na turma e, desde o início, sempre foi carismática e bastante expressiva. Ela é conhecida pelas suas danças e performances. Ela é uma criança que adora dançar e sua música favorita é *Meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá. Uma vez skindô lelê, outra vez skindô lalá*. Toda vez que cantamos essa música, ou quando colocamos para tocar, ela inicia um rebolado, bate palma, abre um enorme sorriso, manda *tchauzinho*, levanta as duas mãos para cima.

Os demais bebês estão na faixa etária entre 10 e 11 meses de idade, eles são: o Guilherme (11 meses), a Marina V. (11 meses), a Anita (11 meses), a Marina M. (10 meses), o Samuel (11 meses), o Rafael B. (11 meses) e João Victor (11 meses). O Guilherme é uma criança calma quase sempre, com exceção na hora da janta e quando acorda. Costuma brincar mais com o Francisco e o João Victor. Os três brigam por causa dos brinquedos e competem quem irá pegá-los primeiro. O Guilherme é curioso, estando envolvido em várias cenas.

A Marina V. começou a engatinhar durante a pesquisa isso contribuiu muito para poder vê-la interagindo mais com os colegas, sendo que agora já consegue ir atrás dos brinquedos. Costuma escolher brinquedos que produzem som, como chocalhos, e adora ficar jogando os brinquedos no chão para observar seu movimento e o som que eles produzem.

A Anita é uma criança bastante carismática e adora escutar histórias. Quando pegamos um livro, ela sabe que iremos ler e já fica entusiasmada, esticando os braços para pegarmos ela no colo, bate palmas, sorri e, às vezes, se arrisca com alguns balbucios. Ela prefere brincar sozinha e de preferência com objetos sonoros, como chocalhos, pandeiro de plástico e assim como a Heloisa, ama uma música. Não dança, como a Heloisa, mas bate palmas, balança o corpo, mexe as pernas.

A Marina M. é uma das mais novas da turma, com apenas dez meses de idade. Desde que entrou na turma, explorava constantemente o que havia ao seu alcance ou os diversos balbucios que conseguia fazer.

O Samuel costuma vir pouco à aula, pois sua mãe está de licença saúde e, por isso, acaba ficando com ela em casa. Ele passou a engatinhar durante a pesquisa, assim como a Marina V. Ele costumava fazer explorações vocais constantes com gritinhos agudos, com sua língua e foi variando para sons mais graves.

O Rafael B. vem apenas terças e quintas-feiras à tarde e nos outros dias pela manhã, por isso, tive pouco contato com ele, já que trabalhava pelo turno da tarde. Gosta de brincar embaixo dos berços e nos carrinhos e, ultimamente, sua brincadeira preferida era puxar os brinquedos de cima da prateleira e vê-los cair no chão, o que acabava produzindo um som bastante alto.

O João Vitor passou a engatinhar durante a pesquisa, assim que voltou de férias. Ele costuma brincar com os outros colegas e sempre se mostrou uma criança muito curiosa. O balde de plástico era sua fascinação. Amava empurrá-lo pelo chão da sala para produzir som. Esse balde apareceu em várias cenas em que observei os bebês brincando com as sonoridades.

3.2 OS ENCONTROS MUSICAIS

A seguir, farei uma breve descrição dos encontros musicais realizadas com os bebês do Berçário 1, falando de maneira geral como foi o comportamento deles diante de cada instrumento musical.

Pau de chuva

O João Victor pega o objeto, vira de um lado para o outro, descobrindo sua textura e cor, balança-o de um lado para o outro, prestando muita atenção nos sons que o pau de chuva produz. A Anita e o Guilherme foram os dois que mais mostraram interesse pelo brinquedo, sendo também eles os únicos a ficarem mais tempo brincando de chacoalhá-lo e descobrindo os sons. Percebi que, quando eu mexia no brinquedo e ele fazia algum som, as crianças ficavam hipnotizadas me olhando e outras procurando de que lugar estava vindo aquele som.

O Francisco, muito curioso com o novo material sonoro em sala de aula, sai engatinhando em direção ao Rafael, que, assustado com a chegada repentina do Francisco, que envolvido com todo aquele ambiente sonoro, não reluta em tomar o brinquedo do colega, que não deixa barato e toma seu brinquedo novamente. Eles ficam nessa disputa por alguns segundos, até que o Francisco desiste do brinquedo do colega e pega o outro pau de chuva que está ao seu lado e fica brincando próximo do Rafael. Os dois, depois que estavam mais calmos após aquela situação mais conturbada para ver quem ficaria com o brinquedo, ficam sentados um de

frente para o outro, balançando os instrumentos. Achem graça de ver o colega balançando e produzindo sons. O processo imitativo fica bastante visível nessa cena, além das trocas que faziam entre eles com os objetos. A cada descoberta sonora, riam e demonstravam prazer na realização daqueles movimentos que foram repetidos variadas vezes até se cansarem.

Violão

Observando os bebês enquanto brincavam e exploravam o violão, percebi que a grande maioria deles prendia sua atenção por mais tempo e de forma fixa quando uma das professoras se propunha a tocar o instrumento, mantendo as crianças em estado de atenção constante, observando atentamente os movimentos da professora enquanto toca. Percebi, ainda, que o bebê, quando embalado pelas diferentes sonoridades, tende a responder ao estímulo sonoro-musical de maneiras distintas: reagindo de maneira diferente em contato com os sons graves e agudos, olha em direção ao som, manifesta expressões de alegria, de prazer, de curiosidade, de medo também, como foi o caso da Marina M, que no primeiro contato com o objeto manteve distância, para no segundo dia começar a se aproximar do mesmo e no terceiro dia já estar totalmente à vontade com a presença do violão, instrumento já familiar para ela.

Escolhemos algumas músicas já conhecidas por eles para cantarmos, uma vez era lenta; depois, mais rápida, sempre optando pelas pausas, deixando apenas a voz da professora, sem tocar o violão. Incrível perceber que os bebês já conseguem compreender as pausas, os tons de voz, quando a música está mais rápida ou mais devagar. Isso pode ser visto por meio das suas expressões faciais, modificando seus movimentos dependendo da velocidade da música. Quando cantada mais rápida as crianças tendem a ficarem mais eufóricas, batendo palmas e se mexendo, já canções mais lentas deixam a criança mais observadora dos movimentos da professora e dos colegas, permanecendo mais calmas e com poucas movimentações corporais. Seus balbucios, expressões e olhares fazem parte da musicalidade, na qual a criança começa a desenvolver esses aspectos, principalmente quando já tem certo convívio musical desde cedo.

O violão, quase no último dia da pesquisa, quando eu já pensava que ele não faria mais falta dentro das atividades de exploração musical dos bebês, eis que os

bebês me surpreendem. Os quatros bebês: Mariana M, Anita, Rafael B e Guilherme, juntos, viraram o violão e exploraram a parte de traz do instrumento batendo com as mãos. As cordas não foram seu foco de exploração, mas o restante do corpo do violão (a parte de madeira) sempre chamou a atenção deles, que, curiosos, conseguiram virar o violão e, sem querer, descobriram que a parte de trás dele também pode ser sonora.

Triângulo

O instrumento musical mais reinventado pelos bebês com certeza foi o triângulo. Percebendo o barulho que o ferro pode produzir, alguns saíram engatinhando pela sala com as baquetas ou com o triângulo em uma de suas mãos descobrindo novos sons que a sala proporciona. E algumas de suas descobertas foram as pernas da cadeira, que emitia um som semelhante ao do triângulo. Além da cadeira, o berço e o carrinho foram também objetos de “estudo” dos bebês, que, curiosos e por acaso, descobriram, assim, como a cadeira, que esses dois objetos também produziam sons quando batiam nele com outro ferro. Outros brinquedos adquiriram a função da baqueta e do triângulo, como pecinhas de plástico, de borracha e até mesmo carrinhos também foram utilizados pelos bebês para produzirem som. O processo imitativo ganhou muita força nessa atividade, pois os bebês passaram a observar com mais afinco as expressões dos colegas, assim como seus movimentos enquanto brincavam com o objeto. Percebi que os bebês, vendo o colega brincando com o triângulo ou batendo com ele sobre algum objeto, ou até mesmo no chão, iniciaram o processo imitativo usando materiais que estavam à sua volta para fazer o mesmo.

No primeiro e segundo dia, as professoras e eu cantamos músicas com predominâncias nordestinas, como: ‘Asa branca’, ‘Eu só quero um xodó’ e ‘Xote da alegria’, visto que o instrumento trabalhado nesses dias seria o triângulo, material também utilizado com esses tipos de música, tornando a cantoria muito mais divertida e prazerosa. As crianças mostraram maior empolgação quando começamos a cantar acompanhadas das batidas dos bebês no triângulo. Enquanto cantávamos, os bebês, na sua maioria, mexiam seu corpo conforme o ritmo da música, balançando o instrumento de um lado ao outro, e outros acompanhavam batendo com a baqueta no triângulo.

A Anita, o Guilherme e o Rafael B. usaram a caixa de papelão, que estava distribuída com os demais brinquedos, para ser seu novo instrumento musical. Com as baquetas de ferro, usaram para bater na caixa produzindo um som (oco), que fazia com que eles quisessem bater cada vez mais forte. Interessante observar o movimento do corpo deles de se apoiarem na caixa, no caso do Guilherme, ficando de pé e dando os seus primeiros passos, ou apenas se apoiando com as mãos para se aproximarem mais da caixa.

Tambor e pandeiro

O Francisco brinca com os dois tambores, ao mesmo tempo, intercalando entre um e outro, marcando sonoramente seus movimentos. O João Victor gostava de empurrar o tambor e os pandeiros pelo chão da sala, promovendo diferentes sonoridades.

A Anita engatinha em direção ao tambor e acaba derrubando-o quando tenta se apoiar no instrumento para ficar de pé, mas, mesmo assim não desiste, vira o tambor e começa a dar batidas na parte superior. As batidas, algumas vezes, eram fracas e outras vezes forte, às vezes, com a mão e outras vezes com a baqueta.

O tambor e o pandeiro foram os instrumentos que, posso dizer, eram os mais barulhentos, mas os que deixaram os bebês mais fascinados por causa dos sons que produziam. Além disso, a participação das professoras se fez mais presente nesses dias, pois contribuíram muito cantando músicas para as crianças e tocando os instrumentos junto com elas. Foram momentos de muitas interações, tanto de bebê-bebê como de professor-bebê.

Todos os instrumentos juntos

Aqui estamos quase no fim da pesquisa e esses últimos três dias foram importantes para perceber as preferências dos bebês com os instrumentos musicais, já que podiam escolher com qual brincar/explorar. Os bebês, na sua maioria, preferiram os de percussão, como os tambores, os pandeiros e o pau de chuva, mas os tambores foram os seus preferidos. Os bebês exploraram os tambores batendo

com a mão, com a baqueta e outros até tentaram bater com outro objeto em cima do tambor, como pecinhas de plástico, bolinhas, mas perceberam que usando estes brinquedos o som não se fazia presente da mesma forma como quando batiam com a mão ou a baqueta. O tambor, assim como os outros instrumentos musicais, desencadeou nas crianças a curiosidade de explorar outros objetos transformando-os em objetos sonoros, como baldes de plástico, carrinhos.

4 BEBÊS “PIONEIROS” NA ARTE DE EXPLORAÇÕES SONORO-MUSICAIS

A partir das minhas observações sobre as interações dos bebês na turma do Berçário I foram extraídas três dimensões de análise 4.1;4.2; 4.3 e as mesmas serão exploradas a seguir.

4.1 COMO OS BEBÊS SE RELACIONAM COM OS INSTRUMENTOS MUSICAIS?

Nos últimos três dias de pesquisa, levei todos os instrumentos musicais para observar e analisar na vivência musical a atividade de exploração livre, considerada o momento de maior autonomia do bebê. Nessa sessão, irei falar as preferências dos bebês por escolhem “tal” tipo de instrumento musical. Para isso, selecionei uma das cenas dos últimos três dias em que levei todos os instrumentos musicais para serem analisados na vivência musical, a atividade de exploração livre, considerada o momento de maior autonomia do bebê. Considerei que essa estratégia poderia ajudar, uma vez que não estaria dizendo que o bebê tem que brincar, não que tenha feito isso, pelo contrário sempre os deixei livres para brincarem com o que achassem interessante, mas nestes últimos dias, as crianças tiveram a oportunidade de escolher com qual instrumento musical queriam brincar e da forma que achavam melhor. Mas, antes de me remeter a esta cena, comento, de forma mais geral, quais foram os instrumentos de maior preferência dos bebês.

Nas primeiras explorações dos bebês, notei que havia pouca atenção aos efeitos sonoros, principalmente quando eram feitos ao acaso, sem intencionalidade. Eles faziam certas ações “para ver como funciona”, provocando certo fascínio pelos movimentos e sons que o objeto podia produzir, e suas ações podiam ser traduzidas assim: “O que é isso que eu posso rolar, sacudir, apertar, jogar?” Segundo Kratus na fase da exploração as crianças tocam os instrumentos sem compreender qual será o resultado das suas ações. A maioria das crianças pequenas “não escutam” (no sentido de ouvir com significado) aquilo que tocam. John Kratus (1990) explica que a continuidade do processo de exploração fará com que a criança escute os sons que toca. As estratégias que os bebês utilizavam demonstraram sua maneira de como iam construindo suas estruturas musicais, eles faziam do instrumento aquilo que já conheciam sobre o mesmo e, com o passar dos dias, estas estruturas foram sendo modificadas, pois as crianças passaram a explorar cada vez mais os instrumentos

musicais, modificando-os e introduzindo novos objetos para suas descobertas sonoras.

Quando deparados com todos os instrumentos musicais, os bebês preferiram os instrumentos de percussão, deixando de lado o violão, que é um instrumento de cordas. É interessante perceber a preferência dos bebês por esses instrumentos, cujo som é obtido através da percussão (batida), raspagem ou agitação, podendo ter ou não o auxílio de baquetas. Os bebês têm grande fascínio por estes instrumentos porque, ao baterem nele, acabam produzindo um som que é de fácil acesso, pois exige esquemas elementares muito presentes nessa faixa etária: sacudir, bater, puxar. Além disso, este tipo de som vai quase imediatamente do silêncio à sua intensidade máxima, prendendo a atenção do bebê e fazendo com que ele bata cada vez mais, pois, assim como seu som surge de imediato, o seu som sofre um decaimento (ausência de som) também rápido. O pau de chuva e o pandeiro, assim como o tambor, foram mágicos dentro da turma do berçário, pois como mencionei anteriormente, são instrumentos de fácil manuseio, ao contrário do triângulo, que necessitam utilizar as duas mãos, uma para segurar o triângulo e a outra para bater com a baqueta para, então, produzir som a partir da junção desses dois elementos, exigindo do bebê uma motricidade mais elaborada e equilíbrio.

Com ao passar dos dias, averigui que os bebês não tinham apenas curiosidade em escutar diferentes sons, mas também de agir sobre outros objetos, tornando-os sonoros.

Portanto, a ação sensorial auditiva é apenas o primeiro passo dessa estruturação que só poderá ser realizada na medida em que o bebê agir sobre o objeto sonoro (por exemplo, através da produção sonora de balbucios, da movimentação dos objetos ruidosos, etc.). (BEYER, 2005, p. 98).

Isso foi muito recorrente durante as semanas em que trabalhamos com os instrumentos musicais, pois a partir da exploração desses objetos, o bebê passou a construir uma ação mais elaborada, utilizando outros materiais disponíveis, como por exemplo, o balde, a caixa de papelão e até mesmo o violão como instrumento de percussão. Pude perceber ainda que estes últimos três dias foram muito proveitosos para os bebês, primeiro pela quantidade de instrumentos disponibilizados, que fez com que os bebês pudessem brincar com o da sua preferência e a familiaridade deles com os instrumentos assegurou uma exploração mais intensa.

Trago o violão, pois ele é o único instrumento de cordas diferente dos demais que levei, que são de percussão, porém, quase no final da pesquisa, quando já estava perdendo as esperanças acreditando que os bebês não fossem brincar com ele, eis que surgem quatro bebês: a Marina Menezes, a Anita, o Rafael B. e o Guilherme para que estava errada. A reação destes quatro bebês mostrou-me o quanto eles podem ser criativos e cheios de potencialidades. A cena do violão foi uma das cenas que mais me impressionou, pois pude averiguar o esforço e a competência dos bebês, que sem interferência de um adulto, conseguiram virar o violão e descobriram que sua parte de trás também é sonora. Nesse sentido, lembro que as “crianças pequenas, especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para interagir, para observar, para usufruir e para criar” (BARBOSA, 2010, p. 8).

A cena parece ter sido desencadeada pela exploração inicial da Marina M. que atrai a atenção da Anita e do Rafael B. para a interlocução sonoro-musical entre eles. Estas, são minhas memórias passadas em relação a este acontecimento, achei interessante não seguir uma linha cronológica e antecipei o final no intuito de deixar o leitor curioso e com vontade de saber o que aconteceu até chegar aqui. A seguir, inicia-se o relato da cena.

A Anita e o Rafael B. curiosos para saber o que a Mariana M. estava fazendo, se aproximaram do instrumento musical e começaram a passar a mão sobre ele. Percebi que as cordas não chamaram muito a sua atenção, mas o restante do corpo do violão foi o foco principal dos bebês, pois podiam bater com as mãos e produzir som. Eles queriam e tinham o ímpeto de construir algum conhecimento com aquele objeto. De acordo com Kramer (2001, p. 29) sobre a teoria Piagetiana “a inteligência vai-se aprimorando na medida em que a criança estabelece contato com o mundo, experimentando-o ativamente”. Ele diz ainda que, ao pegar o objeto, o bebê tem a oportunidade de explorá-lo e observá-lo, percebendo suas propriedades, e, aos poucos, vai estabelecendo relações com outros objetos. A postura dos bebês estava voltada ao violão. Eles, os bebês, não sabiam o que fazer nem como fazer. Os dedinhos procuravam descobrir seu funcionamento. As descobertas dos bebês são interligadas e conectadas às ações dos demais bebês.

O Guilherme ao entrar na brincadeira com os demais colegas mostrou ter conhecimento sobre a funcionalidade das cordas do violão já que foi a criança que

mais brincou e explorou o violão nas aulas anteriores. Talvez esse conhecimento prévio possibilitou com que ele soubesse de antemão que era necessária uma intervenção nas cordas para a produção do som. Lembro que ele não conseguiu produzir som a partir das cordas, pois é uma ação ainda complexa para a faixa etária em que se encontra, porém, com ajuda dos seus colegas, utilizou outro método para produzir som.

Antes de poderem compreender, representar e recriar configurações, cores, formas, equilíbrio, estrutura, textura e assim por diante, as crianças precisam brincar com materiais e recursos que ofereçam um meio para desenvolver suas capacidades de entendimento, conhecimento, concepção e habilidade. Eles também precisam explorar seu ambiente e suas experiências detalhadamente [...]. (MOYLES, 2002, p. 86).

Foi nesta direção que o bebê Guilherme introduziu um novo conhecimento à interação da Anita e do Rafael Busanello com o violão. O Guilherme começa a empurrar o violão que está em cima do tatame e a Anita e o Rafael Busanello, vendo sua ação, começam a fazer o mesmo. Eles interagem em conjunto e, empurrando o violão, fazem com que o instrumento vire e descubrem o seu outro lado também sonoro. Ao descobrirem a parte de trás do violão, ficam fascinados. Percorrem com suas mãozinhas por todo o corpo do violão. “Ainda observando o brincar, notamos quão conservadoras são as crianças nos procedimentos pertinentes a certas brincadeiras e, também, quão dispostas estão em inovar em outras brincadeiras” (FORTUNA, 2012, p. 23).

A Anita dá a primeira batida produzindo um som alto, enquanto o Rafael Busanello e o Guilherme a observam e esse som provoca a curiosidade da produção sonoro-musical nas demais crianças. As batidas ficam cada vez mais rápidas e fortes e os outros dois bebês passam a interagir com a Anita, dando as primeiras batidas. Por alguns instantes, percebo que os bebês parecem bater de forma organizada, esperando a vez do colega, em outras vezes, batendo descontroladamente no intuito de produzir som. Percebo que os bebês estão construindo pequenas estruturas musicais a partir dos esquemas já construídos.

O violão envolve uma ação mais apurada, exigindo do bebê movimento de pinça ou raspar as cordas deslizando a mão com energia controlada. Provavelmente, por isso, usaram o violão “como” tambor, pois este tipo de instrumento musical é mais fácil de ser manuseado pelo bebê porque não exige

tanta complexidade na sua execução, facilitando a ação do bebê sobre ele, enquanto o bater envolve uma coordenação muito elementar.

4.2 O QUE ELES FAZEM SOZINHOS?

A Heloísa, no seu primeiro contato com o pau de chuva, utiliza a exploração oral, mordendo e chupando, além de movimentar o instrumento de maneira coordenada mais próxima da real função do objeto, mesmo sendo seu primeiro contato com o instrumento, reproduzindo os gestos em uma típica atividade circular com intensa movimentação de braços e pernas. Em alguns momentos, não consegue permanecer com o pau de chuva na mão, deixando-o cair, isso ocorreu provavelmente porque o objeto tinha uma espessura larga e sua mão não dava conta de segurá-lo. Tomando como exemplo a cena da Heloisa, pode-se afirmar que os bebês e as crianças pequenas “estão naturalmente interessadas em examinar objetos, agir sobre eles e observar as reações dos objetos. Portanto, abordagem de conhecimento físico está sempre enraizada na exploração espontânea da criança” (KAMII, 1985, p.21).

Agora, ao invés de sacudir o pau de chuva, ela inicia outra ação sobre ele, que é o de rolá-lo pelo chão da sala, fazendo com que o objeto vá para outros espaços. Percebo que ela o acompanha com o olhar atento aos seus movimentos, até o momento em que ele para quando encosta em outro objeto. Engatinhando, vai até o encontro do pau de chuva e repete a mesma ação, sempre muito observadora nos movimentos e no som que ele produz quando rola. A Heloisa demonstrou intencionalidade quando rolou várias vezes o pau de chuva no chão para escutar o som que ele produz, segundo a autora Maffioletti (2005), o ato intencional surge quando a consciência e o desejo antecedem a execução instrumental. A criança toma consciência do que precisa fazer e compreende como obter o efeito desejado.

A Heloisa percebe que só conseguirá obter o som daquele instrumento quando aplicar uma nova ação sobre ele. Segundo Beyer (1988, p. 275): “Só há aquisição do saber mediante a ação do sujeito sobre o objeto e a posterior reorganização interna do mesmo, como preconizado por Piaget”. Durante esse processo do descobrimento da sonoridade, a Heloisa está estruturando seu mundo por meio da ação que exerce sobre o objeto. Como Piaget (2008) costumava dizer, ela constrói novas aprendizagens mediante os esquemas que já possui e,

posteriormente, fará a adaptação aos novos desafios para a compreensão do momento musical experimentado.

Observando as crianças no segundo dia de exploração dos tambores e pandeiros, percebo que o Francisco demonstra estar alheio às sonoridades produzidas pelos demais colegas, mostrando um comportamento singular: permanece com intenso olhar e atenção voltados para o tambor, até mesmo quando há muito barulho dentro da sala devido às batucadas dos seus colegas e das professoras. A cena a seguir retrata os níveis de experiência sonoro-musical do Francisco e como ele busca determinada descoberta.

O Francisco, sozinho, sentado embaixo do berço, num canto estratégico, posiciona o tambor, modifica intensidades quando bate forte ou fraco no instrumento utilizando as mãos. O efeito produzido quando bate no tambor leva à repetição do gesto. O bebê Francisco pesquisa, observa e quer demonstrar que já conhece a intenção do instrumento, ou seja, de produzir som. A partir da sua curiosidade, surge a interlocução entre a ação, o gesto e o objeto, que sugere a construção do conhecimento.

Cansado de bater no tambor, vai até o pote vermelho de plástico (as professoras da turma tinham distribuído esses potes antes de iniciar a brincadeira com os tambores e pandeiros. Ele pega o balde e leva para debaixo do berço como se tivesse dizendo: “Por favor, não perturbem, quero brincar sozinho agora”. A mesma ação aplicada no tambor ele utilizou no balde. Percebi que ele batia no balde e olhava para o tambor, batia novamente no balde e ficava parado analisando-o. Algumas atividades musicais, assim como o tambor, proporciona à criança uma produção maior de movimentos e isto foi visto na cena do Francisco. Como diz a autora Esther Beyer (2013), a presença de movimentos durante este tipo de atividade é praticamente óbvia, uma vez que a apresentação de um objeto novo vai levar o bebê a aplicar os esquemas que já possui (morder, lambear, segurar, sacudir, etc.), para ampliar o seu universo de conhecimentos musicais.

Ele alternou entre o balde e o tambor, sempre muito observador e atento. Ele estava descobrindo novas sonoridades, pois cada objeto produzia um som diferente e, quando batia com mais força, o som evidentemente ficava mais alto. Ele fez comparações de um som com o outro e sua iniciativa vem recheada de intencionalidade. Produzir e reproduzir os sons são formas que o bebê encontra para se fazer presente a todo o instante, enquanto as experiências de ouvir e

apreciar os sons do ambiente fazem com que ele se situe no espaço e compreenda as antecipações no tempo (MAFFIOLETTI, 2011). Para reproduzir um som recém-feito, ou para repetir materialmente fragmentos rítmicos ou melódicos, há necessidade de reorganizar o que até o momento já foi possível realizar para integrar um elemento novo: a representação (MAFFIOLETTI, 2005). Ele está, de certa forma, fazendo música, descobrindo novos sons e, quem sabe, também está compondo algo que naquele momento faz sentido com o que está pensando e pretendendo com a exploração do objeto, que agora virou objeto sonoro.

4.3 O QUE ELES FAZEM EM GRUPO?

Percebi, com certa frequência, ao assistir aos bebês brincando com os instrumentos e interagindo com os colegas, que eles ficam um longo tempo tocando um mesmo instrumento em vários ritmos diferentes. Tocam, param e começam a “*barulhar*”, conforme a autora Dulcimarta Lino (2008) traz em sua tese, intitulada ‘Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância’, importante contribuição ao afirmar que para as crianças pequenas “fazer música é brincar”, sendo “o *Barulhar* a música das culturas da infância” (LINO, 2008, p. 29). Percebi que o pau de chuva foi reinventado o tempo todo pelas crianças, sendo ele também importante nas diversas situações que envolviam a interatividade entre eles.

4.3.1 A CAIXA-TAMBOR

A cena protagonizada pelos três bebês – Guilherme, Anita e o Samuel – foi uma das cenas que mais me chamou a atenção por ser muito rica, pois tive a oportunidade de observar a participação de todos com todos enquanto exploravam a caixa de papelão e suas sonoridades. Os três, muito empolgados com o novo objeto sonoro, usaram as baquetas de ferro e bateram várias vezes em cima da caixa de papelão. Eles revezavam entre si, dando a oportunidade do colega também bater na caixa. Por ser uma caixa pequena, contribuiu para as crianças ficarem mais próximas uma das outras e terem uma maior interação. Durante essa atividade, pude observar condutas semelhantes entre as crianças: o objeto que eles exploravam oferecia desafios, de bater esperando a vez do colega, de deixarem a

caixa no centro da brincadeira para que todos pudessem explorá-la, mais tarde, começaram a bater juntos na caixa de forma sincronizada.

O Guilherme deu a primeira batida na caixa e o Samuel e a Anita ficam observando sua ação atentamente. A Anita bateu na caixa e olhou para o Guilherme, que, novamente, bate na caixa de papelão. O Samuel fica acompanhando os dois colegas, mas ainda evita interagir com os mesmos e com a caixa.

Enquanto isso, a Anita e o Guilherme começaram a aumentar a velocidade das suas batidas na caixa de papelão, e quanto mais rápido e forte o colega batia, maior era o pretexto para que o outro bebê também batesse na mesma intensidade. Inicia-se a imitação, enquanto uma criança batia na caixa, as outras duas ficavam observando-a atentamente, exercendo a ação sobre o objeto. Cada bebê observa os movimentos do seu colega e passa a “compreender as ações das outras pessoas, não apenas porque seguem com os olhos e seus gestos, mas principalmente, porque são capazes de interpretar suas intenções” (MAFFIOLETTI, 2011, p. 87). Interessante que eles batiam quase juntos na caixa de papelão, sendo que, anteriormente, estavam mais observadores na ação do colega sobre a caixa, não dando muito atenção ao som que vinha do objeto. O som passou a fazer sentido nesse momento de interação quando:

O sentido resulta da combinação entre eles, e esse sentido é uma invenção coletiva. Certamente há um funcionamento individual que delineia o modo de aprender de cada criança, no entanto, somente avança porque seu funcionamento é aberto às trocas sociais. (MAFFIOLETTI, 2011, p. 85).

Percebendo a movimentação dos colegas, o bebê Samuel, aos poucos, começa a se manifestar, dando as primeiras batidas na caixa de papelão. Os três entram em uma sintonia musical, possibilitando o balanço do corpo e acelerações quando batem com as baquetas na caixa de papelão, mudando, às vezes, a baqueta de mão. A produção sonora que vinha da caixa de papelão tornou aquele espaço sonoro mais rítmico e mais musical. Os bebês participantes desta brincadeira sonoro-musical mostraram-se muito envolvidos uns com os outros e com o objeto de exploração. Portanto, há uma troca sonora entre eles, que vão percebendo o som através da vibração da caixa de papelão. No final desta cena, os bebês exploram

livremente a caixa de papelão e partem em direção a outros brinquedos, descobrindo outras sonoridades.

4.3.2 O BALDE SONORO

Durante a atividade com os triângulos, percebo que o Francisco passa a observar o colega João Victor, que brinca com um balde de plástico, e o mesmo produz sonoridades quando arrastado em outras superfícies. O Francisco permanece sentado observando atentamente a movimentação do colega por alguns instantes, abandonando o triângulo com o qual estava brincando já fazia algum tempo e vai engatinhando em direção o seu colega. A descoberta de um bebê acaba sendo a descoberta de outro, essas relações estão interligadas.

O João Victor fica incomodado com a presença do Francisco, principalmente quando ele tenta tirar o balde com o que estava brincando. Eles brigam, puxam, fazem cara feia um para o outro e, às vezes, iniciam um choro, mas não desistem do balde. Tentando entender a fascinação dos dois bebês com aquele, objeto me ponho a observar mais atentamente aquela cena.

Os dois decidem empurrar juntos o balde pelo chão da sala, variando a velocidade entre devagar e mais forte. Vê-se que os dois bebês buscaram este desafio, de movimentar-se para que o balde se mexa e forneça novas sonoridades dependendo da superfície que iam passando. A descoberta de novas sonoridades pelas duas crianças começou a chamar a atenção das demais crianças da turma que, aos poucos, começaram a observá-los naquele empurra-empurra de um lado ao outro. A autora Esther (2008), no seu projeto 'Música para Bebês"', observou que a interação entre os bebês (entre pares, como chamou), com os pais e professores, foi fundamental para a construção musical na criança. Importante observação da autora quando trago a cena desses dois bebês que, a partir das interações entre eles, passam a trabalhar em comum acordo num mesmo proposto de empurrar o balde para produzir novos sons. Nesse estágio do desenvolvimento em que os bebês se encontram, também conhecido como sensório-motor, é caracterizado por uma inteligência prática baseada em sensações e movimentos.

Os dois bebês parecem realmente absorvidos por uma situação de exploração, no qual estão conectados a um objetivo pessoal. E tentando compreender os processos de exploração sonoro-musical dos bebês é que

acabamos percebendo que o bebê interage com o todo de maneira complexa. Assim como o Francisco e o João Victor, que brincam de arrastar o balde, e essa ação, de certa forma, acaba fazendo sentido para os mesmos, pois lhes proporciona prazer e novas descobertas.

Enquanto escrevo essas linhas, vou me questionando sobre os bebês fazerem música, e depois de algumas semanas, observando-os em contato com instrumentos musicais variados, começo a perceber que a música vem basicamente conectada à exploração dos mais diversos sons e por meio de outros objetos, como mencionei nesta cena anterior. E, nesta direção, Aruna (2013, p. 118) diz: “[...] o bebê sabe o que faz estabelece relações, cria hipóteses sonoras. Mas isso é construído da forma com a qual eles veem e percebem o mundo que os cerca”.

5 A BANDA TÁ FORMADA

Trabalhando com bebês, é possível percebermos que a maioria das pessoas julgam entender muito sobre seu comportamento, suas ações e suas necessidades, seja por terem filhos ou por serem professoras/cuidadoras há muitos anos. Mas também é possível verificarmos que grande parte desse conhecimento que as pessoas julgam possuir vem do senso comum, de experiências próprias, permeadas por observações e métodos de tentativa e erro.

Não é difícil perceber que os bebês, desde muito cedo, percebem estímulos externos como a música e são capazes de interagir com eles, se acalmando, quando ouvem uma música lenta, e se agitando, quando toca uma música mais rápida. Mas a forma como ocorre essa dinâmica, quais os reais benefícios e como os adultos podem estimulá-los a produzir suas próprias sonoridades, já são aspectos menos conhecidos e trabalhados.

Atualmente, muito se fala sobre a importância do brincar. Às vezes, soa até repetitivo, pois é algo que faz parte do discurso pedagógico que vai desde o berçário até os últimos anos do ensino fundamental. Mas, se pensarmos que até algumas décadas atrás, as brincadeiras não faziam parte do currículo pedagógico, e que as escolas não faziam nada além do que transferir conhecimentos e os berçários e maternais não iam muito além do cuidar e alimentar os pequenos, vemos que a importância de determinadas coisas precisa ser destacada repetidamente.

Neste sentido, a música ainda tem um longo caminho pela frente. Apesar de já figurar nas diretrizes curriculares do ensino fundamental, o assunto literalmente ainda ‘engatinha’ quando se trata do berçário. Dizer que a música não participa de momentos lúdicos no berçário seria equivocado, porém, sua execução é tão somente como um ‘pano de fundo’, seja na hora das brincadeiras ou na hora de dormir, ou seja, atuando como um objeto/uma ação distante do bebê, o qual apenas ouve a música passivamente (se é que a ouve, pois pode acabar prestando atenção em outros estímulos visuais que estão mais próximos a ele).

O estudo aqui desenvolvido buscou analisar como os bebês descobrem a musicalidade interagindo com diferentes instrumentos musicais procurando observar, registrar por meio de fotos, filmagens e no próprio CR como eles vão produzindo novos sons/sonoridades, sendo através de objetos propriamente musicais (como violão, tambor, triângulo, pandeiro, pau-de-chuva) ou não (como

balde, pecinhas de plástico e ou outros objetos) cuja função principal não é fazer som, mas acabam se tornando sonoros. Os dias passados juntos aos bebês, pesquisando e analisando seu comportamento junto aos instrumentos musicais, foram ricos em descobertas e aprendizagens tanto para eles quanto para mim. Primeiro, pela observação dos bebês ao manusearem os objetos e poderem retirar sons deles.

Através das observações e dos registros documentados, observou-se que, embora cada bebê tenha sua personalidade e interaja, num primeiro momento, de um jeito particular com o objeto sonoro, ele tende a fazer o mesmo que o grupo está fazendo por meio da imitação e repetição. A propósito, a interação dos bebês durante a produção sonora foram descobertas incríveis. A princípio, poderia se pensar que os bebês iriam querer ficar com o mesmo objeto o tempo todo, sem dividi-lo, mas não foi isso que ocorreu. Naturalmente os bebês sentiam interesse pelos demais objetos e suas sonoridades, trocando consecutivamente de instrumentos. Mas, com o passar do tempo, observou-se que os bebês iam criando vínculos maiores com determinados objetos de forma que os repetiam nas dinâmicas. Isto seria interessante de acompanhar ao longo do tempo, se não condiz com uma aptidão para determinado tipo de instrumento musical, por exemplo, se o bebê que criou vínculo com o tambor e sempre ficava com esse objeto, não acabou aprendendo a tocar bateria, mas isto, quem sabe, fique para estudos posteriores como mestrado e o doutorado.

A preferência por instrumentos de percussão, de uma forma geral, foi notada durante a minha pesquisa, e esses instrumentos provocam uma enorme fascinação nos bebês, que brincam com ele por um longo tempo. Os tambores foram os mais explorados pelos bebês, assim como outros objetos que nem têm a finalidade musical (como caixas de papelão ou balde) para ficarem batendo com as mãos ou com baquetas. Inclusive, quando em contato com o violão, a ação dos bebês também foi bater nele, transformando-o em “tambor”.

Concluo que a interação e a produção de música pelos bebês é algo muito complexo e que precisa ser mais estudado, proporcionando maiores subsídios para pesquisas posteriores, de forma a auxiliar numa melhor prática pedagógica dentro dos berçários, que leve em consideração a importância que a música possui no desenvolvimento dos bebês. E o título desde último capítulo do trabalho representa justamente isto: a minha preocupação de que a finalização desta pesquisa não

signifique a finalização do projeto. Infelizmente a minha pesquisa não conseguiu contemplar a todos os bebês e trazer outras cenas que foram ricas em descobertas durante as interações deles com os instrumentos musicais, pois se tratando de um TCC, o estudante/pesquisador acaba ficando limitado ao número de linhas exigidas pelo curso e isso fez com que eu me focasse em algumas situações surgidas durante a minha intervenção junto à turma.

Espero que o berçário onde foi desenvolvido o projeto permaneça dando destaque às atividades lúdicas com produção de música pelos bebês, e que isto se repita em outros locais, bem como, que novas pesquisas venham a complementar o assunto e traçar novos horizontes, para, quem sabe, um dia, possamos dizer que o discurso da importância da música no desenvolvimento do bebê também tenha se tornado repetitivo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. S. **As especificidades da ação pedagógica com bebês:** consulta pública sobre orientações curriculares nacionais da educação infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2010.
- BARBOSA, M. C. S. **Práticas cotidianas na educação infantil:** bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Ministério da Educação, 2009.
- BEYER, Esther. **A abordagem cognitiva em música:** uma crítica ao ensino da música, a partir da teoria de Piaget. 1988. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre. 1988.
- BEYER, E. (Org.). Cante, bebê, que eu estou ouvindo: do surgimento do balbucio musical. In: _____. **O som e a criatividade:** reflexões sobre experiências musicais. Santa Maria: UFSM, 2005 .
- BEYER, E. A reprodução e a produção musical em crianças: uma perspectiva cognitivista. In: _____. **Música:** pesquisa e conhecimento. Porto Alegre: UFRGS, 1996 p. 69-80.
- BEYER, E. A dança dos bebês: um estudo sobre os movimentos dos bebês ao ouvirem música. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEM, 2003.
- BEYER, E. **A importância da interação no desenvolvimento cognitivo musical:** um estudo com bebês de 0 a 24 meses. Anais do SIMCAM4. 2008.
- BEYER, E. **A dança dos bebês:** um estudo sobre os movimentos dos bebês ao ouvirem música. ABEM. Florianópolis, 2013.
- CORREA, A. N. **Bebês produzem música?** O brincar: musical de bebês em berçário. 2013. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação)— Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- FORTUNA, T. R. A importância de brincar na infância. In: HORN, C. I. et al. (Org.). **Pedagogia do brincar.** Porto Alegre: Mediação, 2012.
- FORTUNA, T. R. Concepções sobre o brincar dos bebês. **Pátio Educação Infantil,** abr./jun. 2013.
- FORTUNA, T.R. O lugar do brincar na educação infantil. **Pátio Educação Infantil,** abr./jun. 2011.
- HOLT, J. **Como aprendem as crianças.** São Paulo, 1991.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **O conhecimento físico na educação pré-escolar: implicações da teoria de Piaget**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KRAMER, S.; KAPPEL, D.; CARVALHO, M. C. Perfil das crianças de 0 a 6 anos que frequentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 35-47, 2001.

KRATUS, J. Structuring the music curriculum for creative learning. In: HAMANN, D. L. (Ed.). **Creativity in the music classroom**. Reston: MENC, 1990. p. 43-48.

LINO, D. L. **Barulhar**: a escuta sensível da música nas culturas da infância. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

MAFFIOLETTI, L. de A. A música na infância e as experiências de compreensão do outro. In: SALGADO, G. R.; ROCHA, S. A. da. **Educação Infantil 2: as crianças e a linguagem na/da infância**. Cuiabá: UFMT, 2011. p. 83-98.

MAFFIOLETTI, L. de A. Aprendizagens sociais propiciadas pela música na infância. In: SANTIAGO, D.; BROOCK, A. M. V.; CARVALHO, T. Q. M. (Org.). **Educação musical infantil**. Salvador: PPGMUS UFBA, 2011. p.60-73.

MAFFIOLETTI, L. de A. **Diferenciações e integrações**: o conhecimento novo na composição musical infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MOYLES, J. R. et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MOYLES, J. R. **Só brincar?** O papel do brincar da educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, J. **Psicologia e educação: perspectivas teóricas e implicações educacionais**. Canoas: Salles, 2008.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro LTC, 1966.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010.

TOMATIS, A. **Der Klang des Lebens**: vorgeburtliche Kommunikation - die Anfänge der seelischen Entwicklung. Hamburg: Rowohlt Verlag, 1990.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

APÊNDICE A — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Eu, Rebecca Gomes Machado, estudante de Pedagogia, cursando o oitavo semestre, solicito a autorização dos Srs. Pais e/ou responsáveis para uso da imagem de seus filhos entre filmagens e fotos, para serem utilizadas no Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o tema: **COMO INSTRUMENTOS MUSICAIS FAVORECEM AS INTERAÇÕES ENTRE OS BEBÊS NUMA TURMA DE BERÇÁRIO?** Cabe aqui lembrar, que tanto as fotos quanto as filmagens NÃO serão publicadas em nenhum meio de comunicação, servirão apenas para análise do trabalho. Por estarem de acordo assinam abaixo o presente Termo de Autorização com a data de hoje, o nome do pai/mãe e/ou responsável pela criança e logo abaixo o nome do aluno.

Agradeço a vocês senhores pais e/ou responsáveis pela contribuição no meu trabalho acadêmico.

Porto Alegre, _____, de _____ de 2014

Nome pais/responsável

Nome da Criança

APÊNDICE B — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DO NOME

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA UTILIZAÇÃO DO NOME DA CRIANÇA

Eu, Rebecca Gomes Machado, graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação FAGED/UFRGS, solicito sua colaboração em minha pesquisa acadêmica. A pesquisa terá como metodologia pesquisa-intervenção, na qual precisarei tirar fotos e filmá-los, porém, tanto as fotos quanto as filmagens NÃO serão colocadas em nenhum meio de comunicação como já havia mencionado a vocês no último termo de Consentimento para o Uso de Imagem. Venho por meio desse termo pedir a solicitação dos senhores pais e/ou responsáveis para que eu possa colocar o nome do/da seu filho/filha no meu trabalho de conclusão, pois me ajudará no momento em que eu for fazer a análise dos dados obtidos durante os momentos das brincadeiras e explorações com os instrumentos musicais.

Qualquer dúvida, necessidade de esclarecimento podem me procurar que estarei à disposição para quaisquer questionamentos. Caso necessitem podem mandar suas dúvidas para o meu email pessoal (becmaik@hotmail.com) ou falar diretamente comigo em sala de aula.

VERIFICAÇÃO DO CONSENTIMENTO

Porto Alegre, _____, de _____ de 2014

Nome pais/responsável

Nome da Criança